

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v. 17, n. 1

O FENÔMENO RELIGIOSO NA OBRA DE SIGMUND FREUD:

elaborações teóricas e clínicas

Marcos Eduardo Azevedo MARTINS¹

Beatriz Alves VIANA²

Ana Ramyres Andrade de ARAÚJO³

Henrique Riedel NUNES⁴

Resumo

O presente artigo aborda as incidências clínicas do fenômeno religioso na teoria freudiana. Sabe-se que a religião está presente nas estruturas culturais, sociais, éticas e subjetivas de cada época, por isso a relevância de refletir clinicamente sobre tal fenômeno. Logo, pretende-se enfatizar os textos freudianos que demonstram a pertinência social dessa discussão, utilizando o viés clínico como análise. Para tanto, utilizou-se uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e exploratório, a partir do referencial teórico-metodológico da psicanálise. Observou-se que os elementos religiosos podem apresentar-se enquanto manifestações inconscientes oriundas dos dilemas edipianos na infância, e que suas repercussões em um período ulterior podem ocasionar sintomatologias neuróticas e psicóticas em alguns sujeitos. Conclui-se que os conhecimentos sobre a religião podem fornecer subsídios para o psicanalista em sua prática clínica, além de auxiliar no questionamento sobre os processos de subjetivação provenientes da cultura e a forma como alguns pacientes se posicionam frente à experiência da religiosidade.

Palavras-Chave: Religião; Psicanálise; Clínica.

1 Acadêmico do décimo período do curso de Psicologia do Centro Universitário Uninta –Sobral/Ceará/Brasil.

2 Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará –UFC. Mestra em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ. Especialista em Saúde Mental e professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Uninta –Sobral/Ceará/BrasilEmail: beatrizalvesv@gmail.com

3 Mestra em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará –UFC. Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Uninta –Sobral/Ceará/Brasil

4 Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará –UFC. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará –UFC. Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Uninta –Sobral/Ceará/Brasil.

Abstract

This article addresses the clinical incidences of the religious phenomenon in Freudian theory. It is known that religion is present in the cultural, social, ethical and subjective structures of each era, hence the relevance of clinically reflecting on this phenomenon. Therefore, it is intended to emphasize the Freudian texts that demonstrate the social relevance of this discussion, using the clinical bias as an analysis. For this purpose, a qualitative bibliographic and exploratory research was used, based on the theoretical-methodological framework of psychoanalysis. It was observed that religious elements can present themselves as unconscious manifestations arising from childhood oedipal dilemmas, and that their repercussions in a later period can cause neurotic and psychotic symptoms in some subjects. It is concluded that knowledge about religion can provide support for psychoanalysts in their clinical practice, in addition to helping to question the processes of subjectivation arising from culture and the way in which some patients position themselves in relation to the experience of religiosity.

Keywords: Religion, Psychoanalysis, Clinic.

Resumen

Este artículo aborda las incidencias clínicas del fenómeno religioso en la teoría freudiana. Se sabe que la religión está presente en las estructuras culturales, sociales, éticas y subjetivas de cada época, de ahí la relevancia de reflexionar clínicamente sobre este fenómeno. Por tanto, se pretende enfatizar los textos freudianos que demuestran la relevancia social de esta discusión, utilizando como análisis el sesgo clínico. Para ello, se utilizó una investigación bibliográfica y exploratoria cualitativa, basada en el marco teórico-metodológico del psicoanálisis. Se observó que los elementos religiosos pueden presentarse como manifestaciones inconscientes derivadas de dilemas edípicos infantiles, y que sus repercusiones en un período posterior pueden provocar síntomas neuróticos y psicóticos en algunos sujetos. Se concluye que el conocimiento sobre religión puede brindar apoyo a los psicoanalistas en su práctica clínica, además de ayudar a cuestionar los procesos de subjetivación derivados de la cultura y la forma en que algunos pacientes se posicionan en relación a la experiencia de la religiosidad.

Palabras-clave: Religión; Psicoanálisis; Clínica

1 Introdução

O presente artigo resulta das inquietações provenientes de experiências de estágios realizados ao longo de um curso de graduação em Psicologia. No decorrer dessas práticas, nos deparamos frequentemente com a escuta clínica de pacientes com sintomas aos quais o aparecimento de conteúdos religiosos e da figura divina e demoníaca em suas falas eram bastante nítidos e preponderantes, se apresentando por meio de delírios, obsessões, alucinações, etc.

A partir dessas observações – e considerando a orientação clínica psicanalítica que norteou o atendimento dos casos mencionados – constatou-se a importância de estudos sobre a incidência do discurso religioso na clínica psicanalítica de sujeitos com

sintomáticas neuróticas e psicóticas. Logo, foi realizado ao longo desse artigo um percurso teórico nas obras completas de Sigmund Freud, através das quais debruçou-se, principalmente nas passagens discutidas pelo autor que apontam possíveis implicações clínicas do fenômeno religioso a partir da teoria psicanalítica. Desse modo, baseou-se, inicialmente, no questionamento sobre os significados que o fenômeno religioso pode imprimir na vida dos sujeitos e como essas pessoas se posicionam frente à experiência da religiosidade.

É importante ressaltar que, desde as primeiras elaborações freudianas sobre a religião, percebe-se um movimento do autor em estabelecer uma identidade entre os sintomas neuróticos e a religião – chegando, inclusive, a postular que a religião seria uma neurose obsessiva universal (FREUD, 1907/1996). Não se pretende delimitar nesse artigo a ideia de que há uma experiência universal acerca do fenômeno religioso em todos os casos clínicos atendido, uma vez que a clínica psicanalítica se faz a partir da singularidade de cada sujeito. Por isso, esse artigo se deterá de forma mais aprofundada nas particularidades das construções clínicas freudianas em que a religião se apresentou como demanda nos discursos e sintomas de alguns sujeitos.

Destaca-se, ademais, que o presente trabalho não tem como objetivo discutir as diversas doutrinas religiosas, tendo em vista que tal investigação se afastaria do que a teoria psicanalítica trata sobre a temática do fenômeno religioso. Entretanto, considera-se que os aspectos culturais, sociais e coletivos têm impactos nos modos de subjetivação dos sujeitos e também afetam em como as emoções e as subjetividades são produzidas, não estando, portanto, apartadas da dimensão clínica. Para tanto, pretende-se investigar as construções teóricas sobre a religião, traçadas por Freud no decorrer de sua obra, buscando apreender as implicações clínicas das experiências de religiosidade, a partir de casos clínicos discutidos pelo autor.

Sabe-se que a religião é uma realidade compartilhada por milhões de pessoas – independente de discussões em torno da dimensão ontológico-teológica da existência ou não de Deus ou de crenças ou credos específicos – uma vez que a análise desta está presente nas estruturas culturais, sociais, éticas e subjetivas de cada época. Por isso a relevância de se ater a reflexões sobre tal fenômeno, principalmente em tempos

nos quais mudanças sociais, culturais, políticas, econômicas e éticas têm transformado a compreensão da vida e alterado valores tradicionalmente fincados no campo social (FLECHA, 2016).

Nesse trabalho, entende-se o fenômeno religioso enquanto uma “instituição social que discute a realidade que transcende a humana, repetindo-se dinamicamente em diferentes signos, símbolos, mitos e ritos nas diversas organizações humanas” (RODRIGUES & GOMES, 2013, p. 334). Por isso, pretende-se, nesse artigo, enfatizar os textos freudianos em que se demonstra a pertinência social dessa discussão, utilizando o campo da clínica como via de análise da problemática levantada. Sendo assim, foi realizada uma análise rigorosa de todas as passagens freudianas em que a discussão sobre a religião foi posta em debate.

No decorrer da obra de Freud, percebe-se um movimento do autor em levantar analogias referentes ao fenômeno religioso, na tentativa de explicar as escutas clínicas realizadas por ele. Observa-se, ademais, que Freud não deixa de esclarecer sua crítica pessoal à própria religião, tomando como embasamento a de matriz Judaíco-Cristã, uma vez que o autor foi observando as diversas implicações de seus elementos em uma variedade de sintomas de pacientes (FREUD, 1934-1938/1996).

Simultaneamente a isso, enfatiza-se nesse artigo às discussões teórico-clínicas de Freud (1922-1923/1996) que versam sobre elementos religiosos como Deuses e Demônios, levando em consideração sua perspectiva com relação a esses últimos, de que são elementos oriundos de manifestações sintomáticas do inconsciente.

Ademais, percebe-se que a temática da religião é posta em relevância por Freud relacionada à transmissão das tradições religiosas, dos mitos da antiguidade, das leis – e que se inscrevem subjetivamente, inconscientemente e através da linguagem (FREUD, 1922-1923/1996).

Depreende-se destas discussões que os elementos religiosos podem apresentar-se por meio de manifestações inconscientes oriundas dos dilemas edipianos⁵ no

5 Esse termo refere-se à noção de Complexo de Édipo conforme elaborado por Freud (1892-1899/1996) embasado na tragédia de Sófocles sobre Édipo Rei, se trata de um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais, resultando em desejos sexuais pela mãe, bem como desejos mortíferos ao pai, que marcam a infância e o momento posterior a ela, a adultez. Os desfechos desse Complexo implicam no fato de que a mãe tende a ser o primeiro amor da criança, HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo. v. 17, n. 1, (2023) ISSN: 1517-7602

período da infância, e que suas repercussões em um período ulterior poderiam ocasionar dos mais diversos adoecimentos neuróticos e psicóticos em alguns sujeitos (FREUD, 1922-1923/1996).

Em seu percurso de atendimentos clínicos, denotou-se que o autor pôde perceber que os elementos religiosos se tratavam de criações do Complexo de Édipo e dos desejos dele provenientes, que eram recalçados no inconsciente e retornavam como sintomas (FREUD, 1914-1916/1996). Sendo Deuses e Demônios considerados como sintomas, Freud (1901/1996) com seu projeto metapsicológico, compreendeu os elementos religiosos de maneira teórica, clínica, crítica e rigorosa enquanto sintomas inconscientes, resultados dos traços mnêmicos construídos no período da infância através dos desejos amorosos e hostis edipianos. Nas palavras do autor:

É o processo, bem nosso conhecido, da decomposição de um conteúdo de teor contraditório – ambivalente – se dividir em duas partes nitidamente contrárias. Mas as contradições da natureza original de Deus são reflexo dos dilemas que dominam a relação do indivíduo com seu pai. Se o Deus justo e bom é um substituto do pai, não devemos admirar de que também a atitude hostil, que o odeia e teme e dele se queixa, tenha vindo a se expressar na criação de Satã. Portanto, o pai seria o protótipo individual tanto de Deus como do Diabo (FREUD, 1922-1923/1996, p. 217).

De fato, acredita-se que com o progresso do levantamento sobre as possíveis implicações clínicas da religião – sobretudo no campo das neuroses e psicoses – tal pesquisa pode trazer grandes contribuições sobre a forma como o discurso religioso pode incidir nos sintomas neuróticos e psicóticos. Para tanto, tentar-se-á compreender inicialmente como a discussão sobre o fenômeno religioso foi sendo construída no decorrer da obra freudiana e ganhando uma relevância em seus escritos, para posteriormente, apreender o modo como as experiências de religiosidade se apresentam em alguns casos clínicos discutidos pelo autor. Por isso, no que se refere à escolha do material a ser analisado nesse trabalho, interessa enfatizar os textos em

enquanto o pai seria um rival e oponente no qual a criança, pela angústia de castração, expressará uma admiração até que a *posteriori* recalque os conteúdos dessas vivências ao inconsciente. Estando recalçados, esses conteúdos formam traços mnêmicos inconscientes que tendem a estabelecer uma rede também inconsciente de representação e afeto entre a criança. Ademais, Freud ressalta que esses traços mnêmicos inconscientes são construídos por meio de desejos amorosos e hostis, sobretudo ao pai, desejos estes que poderiam retornar à consciência ocasionando sintomas.

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo. v. 17, n. 1, (2023) ISSN: 1517-7602

que se demonstra a pertinência da discussão e de casos clínicos para uma análise crítica da problemática levantada.

2 Metodologia

Tendo como objetivo principal investigar as construções teóricas sobre o fenômeno religioso ao longo da obra de Freud e suas possíveis implicações clínicas, construiu-se uma pesquisa de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico, que servisse como orientação no estudo. A pesquisa de natureza qualitativa direciona-se aos aspectos da realidade que não podem ser quantificados, enfatizando a compreensão e a explicação da dinâmica dos fenômenos sociais (MINAYO, 2001). Esta trabalha com “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p.14).

No que se refere a pesquisa de cunho bibliográfico, segundo Cervo (1983) esta pode auxiliar em um maior conhecimento e análise sobre as contribuições acerca dos fenômenos culturais do passado sobre um determinado tema ou problema. Por isso, tal modelo metodológico tem sido bastante pertinente em contextos acadêmicos, uma vez que aponta para a relevância histórica de fenômenos e sua respectiva problematização na contemporaneidade.

Baseados nessas orientações acerca de tal modelo metodológico e na tentativa de retomar rigorosamente todas as passagens freudianas em que a discussão sobre o fenômeno religioso é mencionada, inicialmente, foi construído um *Thesaurus* de autoria própria. Este último consiste em uma linguagem documentária e de investigação amplificada de termos/conceitos extraídos de análises documentais ou bibliográficas. (CAMPOS et.al, 2006)

Para a construção deste *Thesaurus*, utilizamos de duas traduções das obras completas de Sigmund Freud, a saber: *Imago* e *Amorrortu*. A partir da construção do *Thesaurus*, pôde-se ter um acesso a um levantamento cronológico completo de todas as passagens em que Freud discutiu sobre a religião ao longo de sua obra, podendo

apreender, inclusive, de que forma a discussão sobre essa temática foi sendo modificada e repensada no decorrer do tempo, além de aproximar-se dos casos clínicos referenciados pelo autor em que o discurso religioso estava presente

Por meio dessa etapa metodológica inicial, compreende-se que tal pesquisa também se estendeu ao campo exploratório. Com relação à pesquisa exploratória, Sellitz et al (1965) apontam que tal modelo pretende descobrir ideias, noções e informações, almejando maior familiaridade do pesquisador com o fenômeno pesquisado. De modo semelhante, Gil (1999) afirma que tal tipo de pesquisa tem por objetivo principal, desenvolver, esclarecer e criticar múltiplos fenômenos, tendo em vista a tentativa de discussão de problemáticas diversas, a partir das quais pode-se fornecer inquietações, mobilizações e questionamentos para pesquisas posteriores.

Nessa perspectiva, Piovesan et al. (1995, p.321) ressalta:

Define-se pesquisa exploratória, na qualidade de parte integrante da pesquisa principal, como o estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer. Em outras palavras, a pesquisa exploratória, ou estudo exploratório, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere.

Diante disso, acreditamos que as informações que serão apreendidas com a pesquisa bibliográfica e exploratória dos casos clínicos de neurose e psicose em Freud, contribuirão para algumas articulações teórico-clínicas acerca do fenômeno religioso.

Quando ao método de análise e interpretação dos dados, optou-se por seguir referencial teórico-metodológico da pesquisa em psicanálise. Partindo da afirmativa freudiana de que a pesquisa em psicanálise tem a exigência de estar atrelada e coincidir com a clínica (FREUD, 1926/1996), pretende-se articular as construções conceituais advindas da análise crítica do *Thesaurus* construído, aos principais casos clínicos discutidos por Freud, em que se encontra de forma mais enfática o discurso religioso incidindo nas manifestações sintomáticas do paciente.

Dentre os casos discutidos por Freud, optou-se por explorar todos em que teve a implicação do fenômeno religioso e, que consideramos ter sido feita uma ampla discussão teórica, clínica e crítica em torno da religião. Assim, as informações resgatadas acerca desses casos clínicos tornar-se-ão material base para as possíveis

articulações teóricas relacionadas à temática da incidência do discurso religioso nas diversas sintomatologias neuróticas e psicóticas. Desse modo, este projeto aponta para o que uma pesquisa em psicanálise pretende enfatizar: o sujeito do inconsciente. Ademais, pretende-se, através do material clínico, extrair as orientações necessárias para melhor compreensão e articulação dos conceitos a serem discutidos.

É de suma importância ressaltar que não pretendemos nos limitar a uma generalização das investigações realizadas, mas, antes de tudo, enfatizar a apreensão singular do sujeito e propor possíveis direcionamentos para a clínica psicanalítica no que se refere à incidência do discurso religioso no campo da neurose e psicose. Assim, os conceitos a serem estudados se apresentarão enquanto teoria e método de condução clínica.

3 A Religião das Publicações Pré-Psicanalíticas ao Caso Homem dos Ratos & Escrito Schreber

A religião foi introduzida na obra freudiana desde seus escritos pré-psicanalíticos. Em *Extratos Dos Documentos Dirigidos a Fliess: Carta 71*, Freud (1892-1899/1996, p.201) pôde formular suas primeiras elaborações no que tange à temática das ideias religiosas, por meio de alguns comentários relacionados aos atendimentos de pacientes neuróticos que apresentavam em suas demandas um discurso religioso bastante forte e presente, principalmente elementos provenientes da religião judaico-cristã:

Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas. (Algo parecido com o que acontece com o romance da filiação na paranoia - heróis, fundadores de religiões (FREUD, (1892-1899/1996, p.201).

Percebe-se que, em suas primeiras analogias sobre os mitos – como por exemplo, o indiretamente citado acima, *Oedipus Rex* (Édipo Rei) – Freud destaca uma

relação com os dogmas religiosos, destacando elementos sintomáticos da neurose no período da infância (FREUD, 1892-1899/1996).

Conforme a presença do fenômeno religioso foi se desvelando em sua clínica, Freud, ao lado de Breuer, um médico, fisiólogo e psicólogo austríaco que o acompanhou em grande parte de seus *Estudos sobre Histeria* (1893-1895/1996, p.152-153) – apresenta a concepção de que, em alguns sujeitos, as crenças religiosas poderiam implicar em inibições e recalques, ocasionados a partir do conflito entre os princípios religiosos e os desejos pulsionais⁶.

Já em suas *Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa*, Freud (1896/1996, p.101) lança uma perspectiva clínica puramente psicanalítica, expondo as crenças religiosas enquanto um dos elementos que contribuem para a manifestação de sintomas neuróticos obsessivos. Tal afirmação pode ser melhor ilustrada no texto sobre *A Interpretação dos Sonhos*, a partir do qual, Freud (1900-1901/1996, pp.164-165) discute brevemente sobre um caso de neurose obsessiva, em que conteúdos de cunho religiosos estavam bastante presentes na sintomatologia desse jovem paciente chamado *Albert*, que manifestou diversos sintomas – como alucinações, ataques de angústia, delírios de observações e medos – descritos por ele enquanto interrupções diabólicas. Nas palavras de Freud, o paciente:

Dizia que o diabo lhe gritava: “Agora te pegamos, agora te pegamos!” Havia então um cheiro de piche e enxofre e sua pele era queimada por chamas. Ele despertava do sonho aterrorizado e, a princípio, não conseguia gritar. Quando recuperava a voz, podia-se ouvi-lo dizer claramente: “Não, não, eu não; eu não fiz nada!”, ou “Por favor, não! Não vou fazer de novo!”, ou, às vezes: “Albert nunca fez isso!” Depois. Recusava-se a tirar a roupa, porquê as chamas só o pegavam quando estava despido (FREUD, 1900-1901/1996 pp.164-165).

Através desse caso, Freud (1900-1901/1996, pp.164-165) constatou que desde a infância, o jovem apresentava delírios de autoacusações, que segundo o paciente, eram provenientes da voz do “diabo”. A partir das narrações de Albert, observou-se

⁶ Tal expressão é referente ao conceito de pulsão elaborado por Freud em *As Pulsões e seus Destinos* (1915/1996) que designa o limite entre o somático e o psíquico e está relacionado à ideia de tendência ou ímpeto a agir. Assim, o comportamento motivado pulsionalmente pode passar por caminhos os mais variados até alcançar sua meta, que, no caso da pulsão sexual, não precisa ser, necessariamente, a reprodução.

aspectos como masturbação precoce, negação, ameaças e castigos paternos através de crenças religiosas. Desse modo, Freud passa a afirmar que os sintomas apresentados por Albert envolviam conteúdos sexuais que eram incessantemente deslocados pelo paciente como forma de submeter-se as regras impostas pelas crenças religiosas transmitidas por seus pais.

Em *Determinismo, Crença no Acaso e Superstição*, Freud (1901/1996, p.167), a partir de suas descobertas como as do caso mencionado; *Albert* e muitos outros, afirmou que os conteúdos psíquicos que envolvem a presença de elementos supersticiosos se tratavam de deslocamentos de conteúdos sexuais inconscientes à consciência.

Posteriormente, em *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*, Freud (1907/1996, p.66) discute sobre a relação entre os atos obsessivos e as práticas religiosas, destacando que tanto nos sujeitos que se apresentava com conteúdo neuróticos, quanto no indivíduo que se engajava nas práticas religiosas, em ambos estava presente uma espécie de compulsão à repetição que faziam com que os dois agissem como se estivessem dominados por um sentimento de culpa. (FREUD, 1907/1996, pp.67-68). Quanto a esse último, no sujeito neurótico é interpretado como provenientes das pulsões sexuais direcionadas aos pais, portanto, oriundas do chamado Complexo de Édipo, ao passo que no indivíduo religioso, o aspecto de culpabilização advinha de ações tidas como egoístas e socialmente perigosas, que, eventualmente, também abrigavam componentes edipianos/sexuais. Desse modo, Freud (1907/1996, pp.70-71) reiterou que em ambos os casos – de atos obsessivos e práticas religiosas – pode-se observar ideias de punições e percepções de tentações. Diante desse paralelo e dessas analogias entre essas duas práticas, o autor afirma que:

Podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva com o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a *neurose* como uma religiosidade individual e a religião como uma *neurose obsessiva universal*. (FREUD 1907/1996, p.71)

Adiante, Freud (1909/1996) descreve em seu texto *Notas sobre um caso de Neurose Obsessiva*, o caso clínico intitulado “*O Homem dos Ratos*”. Nesse caso o autor

apresenta a história clínica de um homem que, após ouvir de seu capitão do exército uma história sobre um castigo envolvendo ratos – em que o condenado era amarrado em uma cadeira perfurada, debaixo dela contendo um recipiente permeado de ratos que perfurariam seu ânus – passou a ter frequentemente sintomas que se manifestavam por meio de obsessões, todas permeadas de ideias e pensamentos de dívidas, medos intensos e excessos de proibições com relação às pessoas ao seu redor. A partir disso, o paciente passa a ter pensamentos constantes sobre aspectos divinos – acreditando que Deus dominava seus pensamentos e ações – e ideias sobre morte em relação ao pai já falecido e sua noiva. Pensamentos estes que o fazia acreditar que tal castigo descrito pelo seu capitão iria ser executado em ambos.

No decorrer das sessões que duraram aproximadamente onze meses, o autor pôde observar que os elementos obsessivos apresentados no relato do paciente estavam conectados com os desejos e pulsões sexuais amorosas e hostis que foram direcionados à sua mãe e ao seu pai no período da infância. Tais desejos configuraram-se em manifestações sintomáticas na sua vida adulta, após a escuta do relato da história contada pelo capitão, o que ocasionou, inclusive, em impactos nas suas crenças religiosas.

Freud descreve nessa passagem que o paciente, buscando afastar as ideias e os pensamentos sintomáticos obsessivos em relação ao pai e a amada, passou a realizar orações que, eventualmente, eram permeadas de ideias de punições e percepções de tentações por um chamado demônio – tamanha foi a “demonização” que o paciente necessitou apoiar-se em fórmulas construídas por ele a partir de tabelas, letras ou sílabas de diferentes orações.

A partir do exposto, considera-se que o caso *Homem Dos Ratos* (1909/1996) foi de suma importância para as elaborações teóricas de Freud relacionadas ao fenômeno religioso, uma vez que neste texto, o autor retoma – baseado em uma perspectiva clínica – os apontamentos já discutidos anteriormente na sua *Carta 71* a Fliess de 1892-1899, quando afirma que a constituição neurótica – tal como nos mitos e nos dogmas religiosos – é atravessada por desejos pulsionais amorosos e hostis direcionados a uma figura paterna, e que as práticas religiosas presente nos sintomas

de alguns sujeitos neuróticos são tentativas de defesa a esses desejos e pulsões. Consoante a isso, Freud remonta nesse caso o que foi elaborado por ele anteriormente no texto *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* de 1907.

No escrito *Leonardo da Vinci e Uma Lembrança de sua Infância*, Freud (1909-1910/1996, p.74-75) relaciona a relação entre a crença no Deus da religião judaico-cristã e as manifestações neuróticas e edípicas que se apresentavam na clínica, apontando que:

O Deus todo-poderoso e justo e a natureza bondosa aparecem-nos como magnas sublimações do pai e da mãe, ou melhor, como reminiscência e restaurações das ideias infantis sobre os mesmos. Biologicamente falando, o sentimento religioso origina-se na longa dependência e necessidade de ajuda da criança; e, mais tarde, quando percebe como é realmente frágil e desprotegida diante das grandes forças da vida, volta a sentir-se como na infância e procura então negar a sua própria dependência, por meio de uma regressiva renovação das forças que a protegiam na infância.

Na esteira dessa discussão, no texto *Notas Psicanalíticas Sobre Um Relato Autobiográfico de Um Caso de Paranóia (Dementia Paranoides)* Freud (1911/1996) traz um escrito clínico em que apresenta a história de Schreber⁷ – outrora juiz e presidente da Corte de Apelação de Dresden – que foi descrita pelo paciente em um texto autobiográfico intitulado *Memórias de um Doente dos Nervos* publicado em 1903. Além do acesso à autobiografia de Schreber, Freud também se baseia nos relatórios dos médicos que o acompanharam no decorrer de suas internações, para fazer uma construção e discussão detalhada sobre as manifestações delirantes provenientes do quadro de paranoia relatado.

Durante sua internação, Schreber apresentou manifestações de um quadro de paranoia, oscilando entre delírios religiosos, de grandeza, de perseguição e delírios sexuais. Os sintomas se apresentaram, a priori, na forma de alucinações auditivas e hiperestesia nos pensamentos, por meio das quais ele acreditava estabelecer uma dita comunicação com Deus. Ademais, Schreber relatava ver Diabos, ouvir músicas

⁷ Daniel Paul Schreber, doutor em direito, nasceu na cidade de Leipzig, Alemanha, em 25 de julho de 1842. O primeiro surto de Schreber ocorreu em outubro de 1884, aos 42 anos, em decorrência de uma grande derrota sofrida nas eleições parlamentares. O segundo surto é marcado pela sua nomeação para o cargo de juiz-presidente da Corte de Apelação de Dresden, cargo este que era vitalício, com nomeação determinada pelo rei, sem direito a recusa.

sagradas, presenciar fenômenos milagrosos e viver em outros mundos. O delírio primário de Schreber tratava-se da ideia de emasculação – ou seja, ser transformado em mulher – que logo depois progrediu para um delírio secundário que se relacionava à concepção de que ele teria uma função de redentor no mundo. É importante enfatizar que em um primeiro momento, Schreber rejeitava veemente a ideia de ser transformado em mulher, o que no decorrer do tempo foi se transformando em um delírio baseado na representação de que ele deveria se tornar a mulher de Deus, com o objetivo de perpetuar uma nova raça humana.

Baseado na presença divina das manifestações delirantes de Schreber, presentes nas ideias de emasculação, redenção e perseguição, Freud (1911/1996), aponta que havia uma atitude para com Deus, marcada por contradições, ambivalências, conflitos e reverências, uma vez que a divindade descrita pelo paciente se tratava de uma entidade complexa, constituída por uma hierarquia.

Ademais, Freud (1911/1996), em sua construção do caso Schreber, estabelece uma relação entre a figura divina (Deus) e a paterna, apontando suas interfaces com a sexualidade. Freud (1911/1996) percebe que o psiquiatra que acompanhava Schreber – chamado Flechsig – a figura divina – Deus – estavam enlaçados na mesma categoria na manifestação delirante do paciente, uma vez que ambos desempenharam papéis de perseguidor no decurso do delírio. É importante ressaltar que para Freud, a pessoa a qual o delírio se direciona é alguém que ocupa um papel de destaque e importância na vida emocional do paciente. Nas palavras do autor:

(...) a pessoa a quem o delírio atribui tanto poder e influência, a cujas mãos todos os fios da conspiração convergem, é, se claramente nomeada, idêntica a alguém que desempenhou papel igualmente importante na vida emocional do paciente antes de sua enfermidade, ou facilmente reconhecida como substituto dela. A intensidade da emoção é projetada sob a forma de poder externo, enquanto sua qualidade é transformada no oposto. A pessoa agora odiada e temida, por ser um perseguidor, foi, noutra época, amada e honrada (FREUD, 1911/1996, p. 50).

Desse modo, entende-se que, se a construção delirante de Schreber indicava uma relação entre a figura de Deus e Flechsig (por quem Schreber preservava sentimentos afetuosos). Assim, Deus também passou a ocupar a representação de

alguém que o paciente nutriu afeto e grande importância em sua vida. É a partir desse pressuposto que Freud (1911/1996) é levado a concluir que a pessoa de suma importância na vida de Schreber era o seu pai, lançando a hipótese de que na condição delirante do paciente, o seu pai foi afetivamente representado/transformado em uma figura divina. Logo, as diversas especificidades empregadas a Deus são pertencentes, primordialmente, ao seu pai. Freud (1911/1996) conclui, ademais, que os atos de acusações direcionados a Flechsig e a Deus, consistiam em respostas à censura paterna – mecanismo utilizado na infância, quando as crianças percebem que “quando recebem uma reprovação, dirigem-na de volta, inalterada, à pessoa que a originou” (FREUD, 1911/1996, p. 61). Tal concepção, faz Freud (1911/1996) afirmar que o caso de Schreber, embora fosse um quadro de psicose, também se encontrava sob o suporte do complexo paterno, uma vez que ele estava presente na constituição delirante do paciente. Portanto, o conflito de Schreber a figura divina e os fenômenos religiosos pode ser explicado por meio do conflito infantil com o pai cujo afeto o paciente direcionava.

4 A Religião de Totem Tabu ao Caso Homem dos Lobos & Escrito Uma Neurose Demoníaca do Século XVII

Com as elaborações freudianas no texto *Totem e Tabu* de 1913-1914, o fenômeno religioso se amplia e é melhor aprofundado dentro da teoria psicanalítica, uma vez que o autor aproxima a psicanálise de outros saberes, tais como a etnologia, a antropologia, a sociologia e os mitos. Diversas temáticas tratadas nesse texto serão importantes para discussão desse artigo, a saber: a origem da religião, da cultura e da lei moral, a ambivalência afetiva, a culpabilidade e a dívida simbólica.

Em outras palavras, nesse texto, Freud (1913-1914/1996) estabelece uma relação originária entre a neurose e a religião, tendo em vista que – a partir do mito darwiniano do “Pai da Horda Primeva” – parte da hipótese de que o conflito edipiano e neurótico seria a fonte comum do nascimento da cultura e suas instituições. Para tanto, o autor parte de uma discussão sobre as tribos dos aborígenes da Austrália que já

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo. v. 17, n. 1, (2023) ISSN: 1517-7602

havia sido pesquisadas anteriormente por antropólogos. A escolha por tal cultura se deve aos aspectos religiosos e sociais ocupados por um sistema chamado totemismo, que se configura enquanto uma subdivisão das tribos em grupos menores, clãs que são divididos a partir de seu totem. Este último, frequentemente é definido enquanto um animal “sagrado” que mantém uma relação particular e especial com o clã. Ressalta-se que no sistema totêmico, há uma lei que restringe relações sexuais entre pessoas do mesmo totem, podendo haver uma punição com morte se essa regra for quebrada, de forma a não ameaçar a comunidade. Por isso, tais povos primitivos proibiam o incesto com bastante severidade.

Na esteira dessa discussão, Freud (1913-1914/1996) estabelece uma relação clínica entre a vida psíquica do neurótico e as instituições constituídas na cultura do totemismo, afirmando uma semelhança no que tange à questão do incesto e do Complexo de Édipo.

Ademais, Freud (1913-1914/1996) lança outra elaboração que ganha bastante destaque nesse texto, a saber: da existência de um pai primevo na cultura dos povos mencionados. Os primitivos se organizavam em pequenas hordas, lideradas por um macho – tido como pai – mais velho, forte e onipotente, que impedia a promiscuidade sexual, tendo em vista que todas as fêmeas da tribo eram de sua propriedade. Assim, se outro macho ameaçasse seu poder, poderia ser morto ou expulso da horda.

No entanto, no seguimento de tal mito relatado por Freud, os filhos – que descumpriram a lei do incesto e foram expulsos da horda – uniram-se com o objetivo de derrotar o pai da horda primitiva. Eles inicialmente mataram-no e depois devoraram-no, desconstruindo a horda patriarcal. Nas palavras de Freud (FREUD, 1913-1914/1996, p.102) esses filhos:

(...) se juntara, abatera e devorara o pai, pondo um fim com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente. O fato de haverem também devorado o morto não surpreende tratando-se de canibais. Deveras, no ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, apropriando-se cada um de parte da sua força.

Freud (1913-1914/1996) descreve que, posteriormente, foi instaurado neles um extraordinário sentimento de culpa que os motivou à dá continuidade ao tabu exógamo, fazendo retornar e prevalecer a lei paterna pela figura do animal totêmico, que, não obstante, passou a ser sacralizado entre o bando e seu clã. Posteriormente, o animal “sagrado” passou a ser sacrificado por meio de um ritual de refeição totêmica, que consistia em adorações e celebrações onde os membros da horda festejavam, comemoravam e repetiam o ato parricida cometido.

Destarte, Freud (1913-1914/1996) destaca que foi a partir desses pressupostos que se alicerçou as primeiras organizações religiosas da humanidade, e, sucessivamente, todas as demais. Adiante, nessa mesma passagem, o autor defende, por exemplo, que houve um deslocamento religioso do Pai da Horda primeva ao Deus-pai da religião judaico-cristã, em que o sagrado é retornado por meio da figura do filho, que, após ser sacrificado, introduz o pecado original na humanidade, provocando interdições, adorações e cerimoniais. Ademais, destaca-se que nessa religião, tal sacrifício permitiu com que o sagrado filho se fundisse ao pai, ele mesmo tornando-se Deus-pai, tal como defende a fé cristã. Freud (1913-1914/1996, p.110) ilustra essa relação analógica quando afirma que:

Como sinal dessa substituição, a antiga refeição totêmica era revivida sob a forma da comunhão, em que a associação de irmãos consumia a carne e o sangue do filho - não mais do pai - obtinha santidade por esse e identificava-se com ele. Assim podemos acompanhar, através das idades, a identidade da refeição totêmica com o sacrifício animal, com o sacrifício humano teantrópico e com a eucaristia cristã, podendo identificar em todos esses rituais o efeito do crime pelo qual os homens se encontravam tão profundamente abatidos, mas do qual, não obstante, devem sentir-se tão orgulhosos. A comunhão cristã, no entanto, constitui essencialmente uma nova eliminação do pai, uma repetição do ato culposo (FREUD, 1913-1914/1996, p. 110).

Com o escrito *Totem e Tabu*, Freud (1913-1914/1996) pôde discutir nitidamente a relação de semelhança entre os fenômenos culturais e clínicos no que concerne às semelhanças entre a neurose obsessiva e à religião. Além disso, a partir do mito abordado, Freud (1913-1914/1996) metaforizou a origem de toda estruturação neurótica da religião e das práticas religiosas em que havia teorizado em *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* de 1907 – demonstrou-se, então, que ambos consistem em

cerimoniais de defesa inconsciente diante das pulsões ambivalentes ao pai. Logo, percorrendo sobre o Complexo de Édipo e suas manifestações nos aspectos culturais, Freud aponta que a clínica não está apartada da cultura.

Posteriormente, em *A História do Movimento Psicanalítico* de 1914-1916a o autor chega a discutir que as religiões são construídas através dos deslocamentos e sublimações de conteúdos sexuais traumáticos provenientes do Complexo de Édipo. (FREUD, 1914-1916/1996, p.39a). Já em *Reflexões para os tempos de Guerra e Morte, Nossa atitude para com a morte*, Freud (1914-1916/1996b, p.176) também discute sobre o fenômeno religioso, mas lançando apontamentos diferentes:

Se o Filho de Deus foi obrigado a sacrificar sua vida para redimir a humanidade do pecado original, então, pela lei de talião, dente por dente, olho por olho, aquele pecado deve ter sido uma morte, um assassinato. Nada mais poderia exigir o sacrifício de uma vida para a sua expiação. E, se o pecado original foi uma ofensa contra Deus Pai, o crime primevo da humanidade deve ter sido um parricídio, a morte do pai primevo da horda humana primitiva, cuja imagem mnêmica foi depois transfigurada numa deidade (FREUD, 1914-1916/1996b, p.176).

Adiante, em sua *Conferência XXI: O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais*, Freud (1915-1916/1996, p.62-64), retoma o texto *Totem e Tabu* de 1913-1914 já mencionado, destacando que o Complexo de Édipo se caracteriza a partir de um crime representado inconscientemente por meio de um desejo inconsciente de parricídio, algo que é ilustrado diretamente nas chamadas “proto-religiões totêmicas” e em algumas outras religiões de bases judaico-cristãs.

Não pode haver dúvida de que o complexo de Édipo pode ser considerado uma das mais importantes fontes do sentimento de culpa com que tão frequentemente se atormentam os neuróticos. E mais do que isso: em um estudo sobre o início da religião que publiquei em 1913 sob o título de *Totem e Tabu* [Freud, 1912-13], apresentei a hipótese de que a humanidade como um todo pode ter adquirido seu sentimento de culpa, a origem primeira da religião no começo de sua história, em conexão com o complexo de Édipo (FREUD 1915-1916/1966, p.62)

Avante, em *História de Uma Neurose Infantil* Freud (1914-1918/1996a) descreveu o caso clínico de Sergei Pankejeff que ficou conhecido como *O Homem dos*

Lobos. Para que o leitor melhor entenda o contexto desse caso clínico, é importante destacar que quando chegou o paciente ao consultório de Freud, tinha 18 anos de idade. Segundo o relato de Freud, o caso tratava-se de uma neurose obsessiva manifestada na vida adulta proveniente de uma neurose infantil que fora iniciada por volta dos quatro anos de idade. Freud diagnosticou o Homem dos Lobos como “uma histeria de angústia (na forma de uma fobia animal), que se transformou numa neurose obsessiva de conteúdo religioso e perdurou, com as suas manifestações, até os dez anos” (1914-1918/1996, p.19).

De forma a construir mais detalhadamente o caso em questão, em sua escrita, Freud (1914-1918/1996) dividiu a história clínica do Homem dos Lobos da seguinte forma: 1) quando o menino tinha em torno de três anos, período que se estendeu até a sedução da irmã; 2) o período de aproximadamente quatro anos, que marca a alteração de comportamento no menino até o sonho de angústia com lobos; 3) o momento em que a fobia animal se transformou em manifestações religiosas; e, por último, 4) o tempo de irrupção da neurose e dos sintomas obsessivos que se estendeu até seus dez anos de idade. Aqui, cabe destacar, principalmente esse terceiro momento em que as manifestações religiosas se fizeram bastante presentes. Nessa fase, a fobia associada à histeria de angústia foi substituída por uma neurose obsessiva de conteúdo religioso. Através do relato do paciente, percebe-se que quando ele tinha aproximadamente quatro anos, a mãe, diante de um comportamento inadequado do menino, começou a familiarizá-lo com histórias bíblicas que não o agradavam. Pelo contrário, o paciente, ainda criança, se opunha veementemente às insistências do Deus-Pai. A partir da lógica de que “Se era todo-poderoso, então era culpa Dele se os homens eram maus e atormentavam os outros e eram mandados para o Inferno por causa disso” (FREUD, 1914-1918/1996, p. 72) o paciente conclui que Deus seria responsável por todos os problemas da humanidade.

A consequência dessa iniciação religiosa realizada pela mãe acabou com os comportamentos tidos como inadequados do paciente, no entanto, fez surgir sintomas obsessivos em substituição à fobia que estava estabelecida anteriormente. O paciente passou a realizar rituais repetitivos com orações, devoção aos sinal-da-cruz e imagens

sagradas às quais beijava incessantemente. Se durante o ritual, algum pensamento de blasfêmia surgisse, ele se sentia obrigado a repetir compulsivamente: “Deus-suíno” ou “Deus-merda” ou quando o paciente via algum excremento nas estradas, pensava automaticamente sobre a exigência de lembrar da Santíssima Trindade, além de que associava os chamados pensamentos de blasfêmia a obras demoníacas, construindo uma ideia de que o demônio poderia sair do seu corpo por meio das orações. (FREUD, 1914-1918/1996, p. 28).

A partir desses fenômenos religiosos vistos como cruéis por parte do paciente, Sergei passa conscientizar-se da relação ambivalente entre o Pai e o filho. Assim, o amor infantil que preservava pelo pai, o fez se voltar contra Deus, pois aquele que lhe fora apresentado não poderia ser o substituto do pai amoroso que tentava a todo custo manter. “Resistia a Deus com a finalidade de conseguir agarrar-se ao pai; e, ao agir assim, estava na verdade defendendo o velho pai contra o novo. Estava diante da parte penosa do processo de desligar-se do pai” (FREUD, 1914-1918/1960, p. 75). Quando a perturbação demoníaca, Freud sustentou a ideia de que representava à autoacusação inconsciente as pulsões amorosas à figura paterna, outrora, deslocadas da consciência e retornadas a partir do elemento religioso. É importante ressaltar que essa percepção última sobre o dito demônio, fora comentada, indiretamente, em casos como *O Homem dos Ratos* de 1909.

De encontro a essa discussão em *Prefácio a Ritual: Estudos Psicanalíticos* (1919/1996b, p.166) o autor afirma existir uma intrínseca conexão entre a vida religiosa e o Complexo de Édipo, perspectivando que ambos emergem como heranças de desejos e pulsões sexuais ambivalentes, sobretudo, à função paterna.

Em *Psicologia das Massas e análise do Eu*, Freud (1921/1996) aborda, no que concerne à religião, sobre a incidência do fenômeno religioso nos agrupamentos humanos e as forças psíquicas implicadas na união de grupos como são os dos crentes. Nessa passagem, o autor situa que essa união só é possível pela figura de líder que é idealizada pelo grupo e que tem o poder de castigar e proteger seus liderados. Nesse sentido, os membros do grupo – da massa – colocam o líder no lugar de Ideal, identificando-se com ele e o colocando como referência. Freud (1921/1996)

menciona, ademais que tal processo se dá a partir de uma submissão e fascinação amorosa ao líder. Esse último, – que segundo Freud assemelha-se à figura paterna – oferece ao grupo sua identidade para que seus liderados o tenham como referência.

É justamente nesse texto que Freud (1921/1996) expõe a religião judaico-cristã, para ilustrar que nesta a lei é introduzida em nome da promessa de amor e proteção, mas também sob a ameaça do castigo de um Deus-Pai. O autor exemplifica tal fenômeno por meio das chamadas massas artificiais, a saber: o exército e a igreja, a partir dos quais estão presentes figuras de autoridade que encarnam posições de importância – tais como líderes, chefes, guias.

No que se refere à igreja, Freud (1921/1996) a compreende enquanto um grupo coeso a partir do qual Jesus Cristo – Deus-pai – é concebido como o líder deste, sendo considerado o chefe que detém o poder e a capacidade para conduzir os demais membros. Nesse sentido, a figura divina não se configura apenas enquanto um objeto de amor, mas como um modelo a ser seguido, a partir do qual os membros acreditam que devem alcançar o seu amor, identificando-se com ele. Tal configuração, segundo Freud (1921/1996) é o que vem ocasionar inibições de impulsos hostis entre os membros do grupo, tendo em vista o desejo constante de alcançar o Ideal proveniente da figura divina. *A partir do exposto, o autor aponta que tal “comunidade dos crentes” e sua ligação com a figura paterna – divina – é ilusória. Nas palavras do autor:*

Numa Igreja (e podemos com proveito tomar a Igreja Católica como exemplo típico), bem como num exército, por mais diferentes que ambos possam ser em outros aspectos, prevalece a mesma ilusão de que há um cabeça – na Igreja Católica, Cristo; num exército, o comandante-chefe – que ama todos os indivíduos do grupo com um amor igual. Tudo depende dessa ilusão; se ela tivesse de ser abandonada, então tanto a Igreja quanto o exército se dissolveriam, até onde a força externa lhes permitisse fazê-lo. Esse amor igual foi expressamente enunciado por Cristo: ‘Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes’. Ele coloca-se, para cada membro do grupo de crentes, na relação de um bondoso irmão mais velho; é seu pai substituto. (FREUD, 1921/1996, p.105-106).

Em *Uma Neurose Demoníaca do Século XVII* Freud (1922-1923/1996) aborda a história do pintor Christoph Haizmann, que apresentou um quadro clínico manifestado

por uma neurose demonológica. O artista sofrera convulsões e admitira ter feito um pacto com o demônio. Assim, este teria se comprometido, por escrito, a entregar-se de corpo e alma para Satanás após um prazo de nove anos. Freud (1922-1923/1996) apropria-se e aprofunda-se nos manuscritos – cartas – e quadros de Christoph, onde haviam trechos e ilustrações singulares do pintor, apresentando sua trama com os ditos pactos com o Demônio. O delírio de Christoph baseava-se na ideia de nove tentações demoníacas que deveriam ser entregues pela figura da “Virgem Maria” ao “satanás” para que o pintor pudesse obter sua salvação.

Nos trechos e ilustrações do seu diário o pintor comenta sobre diversas tentações demoníacas que vinham sempre entre recusas, aceitações, ameaças e ofertas de desejos. Em algumas ilustrações são demonstradas o dito Demônio sendo desenhado, ora em forma de um velho senhor burguês, ora nu, com dois pares de seios femininos e um pênis grande que é finalizado com uma serpente, chifres, garras de águia, assas de morcego e corpo de dragão. Destaca-se, ademais que, em alguns relatos escritos de Christoph, eram apresentadas tentações provenientes de um cavaleiro que procurava retirá-lo da igreja, oferecendo-lhe elementos de luxúrias, prazer sexuais, tronos de ouro, entre outros.

Em muitos períodos de crises vivenciados por Christoph, haviam ataques, perdas da consciência e delírios de tentações ascéticas e de punições envolvendo a figura de Cristo e da Virgem Maria que lhes aparecia exigindo que renunciasse seus prazeres para servisse plenamente a Deus em um deserto.

Em um de seus relatos, o pintor apresenta que após sentir desejo por uma mulher supostamente casada, sentiu-se atingido por raios, sendo tomado de calor, sensações de mau cheiro, açoites por maus espíritos com cordas e vozes que o condenavam, o atormentavam, e o puniam, exigindo sua conversão a Cristo. Tais relatos sempre eram repletos de sofrimento e de uma tentativa incessante por repetir orações e lamentações.

Freud (1922-1923/1996), portanto, relaciona, baseado na teoria psicanalítica, a dimensão diabólica apresentada por Christoph enquanto uma um substituto da figura paterna. Freud observa que a infância de Christoph foi marcada por um conflito edípico

onde manifestavam-se sintomas ambivalentes de amor e ódio ao pai. Assim, Freud (1922-1923/1996) conclui que da mesma forma que Deus é uma figura idealizada da figura do pai para o adulto, o diabo seria a representação do ódio infantil direcionado à dimensão paterna. Nos pormenores do caso é trazido uma ampla discussão em torno de sua dita doença, onde o autor afirma que a mesma surgiu a partir da morte de seu pai, o que ocasionou uma indisposição para o trabalho, uma depressão melancólica, e, posteriormente, o pacto com o demônio. Tal pacto é interpretado por Freud enquanto uma tentativa de substituição do pai perdido por Christoph.

Argumenta-se, portanto, que foi sob a forma de amor e ódio que a morte do pai de Christoph, torna essa figura paterna mais poderosa do que enquanto era vivo. É importante destacar que essa lógica de ambivalência com uma figura paterna já fora abordada em momentos anteriores por Freud, nos textos já supracitados, que demonstram elementos religiosos enquanto provenientes de deslocamentos e sublimações de relações paternas, sobretudo, sexuais, que são vivenciadas e sofridas na infância e que aparecem na idade adulta de forma sintomática.

5 A religião em O Futuro de uma Ilusão e o Mal-Estar na Civilização

Em *O Futuro de uma Ilusão* de 1927/1996a Freud discute sobre as possíveis relações da psicanálise e o fenômeno religioso, apontando algumas razões provenientes da crença em Deus. Para o autor (1927/1996a), tal crença “sobrevive” em razão da experiência de desamparo infantil oriunda da constituição humana. Experiência esta que, habitualmente, a criança de forma completamente passiva sobrevive a partir da proteção e da dependência de um Outro capaz de satisfazer suas necessidades. Assim, observa-se que a dependência total da criança está diretamente relacionada com a onipotência deste Outro que surge para suprir suas necessidades. No entanto, em algum momento deste processo pode haver uma impossibilidade de acesso ao Outro e uma ausência de resposta desse outro cuidador, o que ocasionaria um grande trauma na existência humana: o sentimento de desamparo infantil vivido

pela criança pela falta da figura paterna. É justamente a partir dessa operação que Freud (1927/1996a) vai explicar a origem das ideias religiosas.

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as consequências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer - reação que é, exatamente, a formação da religião (FREUD, 1927/1996a, p.17).

A partir dessa visão, Freud (1927/1996a) nos indica que a razão da gênese da crença em Deus e das ideias religiosas estão baseadas em dois aspectos principais, a saber: a necessidade de proteção diante do desamparo e anseio pela figura paterna que transmite proteção. Assim, a representação divina vem ocupar o lugar que um dia esteve ocupado pela figura paterna. Desse modo, Freud (1927/1996a) conclui que a religião se apresentaria enquanto uma defesa psíquica contra o desamparo paterno, sendo, portanto, uma ilusão inconsciente oriunda dos desejos complexados da criança, que emergem da sua relação com o pai. No decorrer desse texto, o autor explana algumas ideias religiosas como – “eternidade ao lado do pai”, “céu”, “proteção eterna” – enquanto partes de um paradoxal futuro de uma ilusão.

No ensaio intitulado *Uma Experiência Religiosa*, (1927-1928/1996b) Freud expõe o caso de um médico que lhe escreveu para relatar sobre o encontro traumático com uma idosa em uma sala de dissecação, que fez com que tal profissional perdesse sua fé, questionando a existência de Deus e os dogmas cristãos e decidindo não frequentar mais igrejas. No entanto, enquanto o médico pensava sobre o assunto, relata ter escutado a voz de um padre lhe dizendo que deveria reconsiderar sua decisão. Segundo o relato do médico, nas semanas seguintes teve uma revelação de Deus sobre a Bíblia – tida como a palavra divina – reafirmando a veracidade dos ensinamentos de Jesus Cristo.

O que interessa acerca desse caso, são as elaborações freudianas sobre o fato acontecido com o médico. O autor lança a hipótese de que, no exame de dissecação

vivenciado pelo médico, a figura da senhora retoma à lembrança e o desejo pela mãe, fomentando a manifestação de elementos ambivalentes oriundos do complexo de Édipo. A dúvida acerca da existência de uma figura divina atualiza o ódio pelo pai e o amor pela mãe. Assim, os conflitos edipianos são deslocados para o âmbito religioso, ocasionando uma psicose alucinatória.

O conflito parece ter-se desdobrado sob a forma de uma psicose alucinatória: escutaram-se vozes interiores que enunciaram advertências contra a resistência a Deus. O resultado da luta foi mais uma vez apresentado na esfera da religião, e era de um tipo predeterminado pelo destino do complexo de Édipo: submissão completa à vontade de Deus Pai (FREUD, 1927- 1928/1996b, p.106).

O médico passa a escutar vozes que lhe alertam para o risco de não crer em Deus. Contudo, sua submissão à vontade da figura divina – Deus – surge como uma forma de superar esses conflitos por meio da religião. Freud (1927-1928/1996b) aborda que a crença em Deus é abalada no momento em que o médico avista o cadáver da mulher, surgindo algo insuportável para o médico que se manifesta por meio da perda da fé em forma de alucinação auditiva. Há, portanto, dois momentos traumáticos para o médico: um referente ao afastamento da crença e descrença de sua fé e o retorno radical da mesma.

Posteriormente, nas formulações freudianas no texto *O Mal-Estar na Civilização* (1929-1930/1996), o autor discute sobre a divergência entre as pulsões e os desejos do sujeito e as exigências da cultura. Para Freud (1929-1930/1996), a fonte de toda hostilidade sentida pelos homens em relação à cultura estaria baseada na renúncia à pulsão, aos desejos e à satisfação – que são impostos pela sociedade. A partir disso, o autor elabora que diante da severidade da existência humana, a utilização de alguns recursos seria uma alternativa de diminuição do sofrimento, sendo a religião um deles. No que se refere à religião, temática principal a ser trabalhada nesse artigo, esta, segundo o autor, por um lado, tende a ofertar um propósito para a existência, oferecendo uma felicidade e uma proteção contra o sofrimento, por outro, suscita com essa pretensão um remodelamento da realidade de modo delirante. (FREUD, 1929-1930). Portanto, por ser compartilhada por um grupo de pessoas, a religião é classificada por Freud (1929-

1930/1996, p.92) como um delírio de massas que restringe “o jogo de escolha e adaptação humana diante do sofrimento cultural”:

(...) A esse preço, por fixá-las à força num estado de infantilismo psicológico e por arrastá-las a um delírio de massa, a religião consegue poupar muitas pessoas de uma neurose individual. Dificilmente, porém, algo mais” (FREUD, 1929-1930/1996. p. 92).

6 A Religião das Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise ao escrito Moisés e o Monoteísmo

Em sua *Conferência XXXV, A Questão de uma Visão de Mundo: Conferência Freud* (1932-1933/1996, p.110) discutiu sobre a religião, apontando-a enquanto “um equivalente da neurose pela qual o homem civilizado, individualmente, teve de passar, em sua transição da infância à maturidade. (FREUD, 1932-1933/1996, p.114), de forma a situar a relação da religião com a clínica, a cultura, e; concomitantemente, aos dilemas neuróticos entre a criança e a função paterna que se deslocam e reatualizam a partir da esfera religiosa.

Nosso caminho torna-se mais fácil de reconhecer, de vez que esse criador-deus é abertamente chamado de “pai”. A psicanálise infere que realmente é o pai, com toda a magnificência em que, durante determinada época, ele aparecia para a criancinha. Um homem religioso imagina a criação do universo assim como imagina sua própria origem (FREUD, 1932-1933/1996, p.110).

Já no escrito *Moisés e o Monoteísmo* – considerado o principal texto que aborda a temática religiosa – Freud (1938-1939/1996) lança suas últimas elaborações sobre o fenômeno da religião, fazendo uma retomada detalhada e aprofundada acerca da construção da crença judaica em um Deus-único dialogando com diversos campos do conhecimento, como por exemplo, a própria história da religião. A grande importância desse texto para o presente artigo, deve-se à retomada freudiana de vários textos já discutido ao longo desse trabalho, além de elencar um diálogo bastante profícuo entre o campo da cultura e sua implicação clínica, quando lança algumas breves analogias

sobre as repercussões da constituição neurótica da humanidade no campo individual e cultural.

Inicialmente, Freud (1938-1939/1996) apresenta a hipótese da origem egípcia de Moisés, para, em seguida, tentar reconstruir a história de Moisés, partindo de suas concepções sobre o romance familiar do neurótico e do mito do herói⁸. Logo depois, o autor se engaja em uma discussão acerca da origem do fenômeno religioso rememorando a sua obra *Totem e Tabu* de 1913-1914, destacando que assim como o pai da horda primeva foi assassinado pelos filhos homens de sua tribo, Moisés – que representava o ‘Pai’ no monoteísmo judaico – também foi assassinado pelo povo que ele libertou. Da mesma forma, o sentido de culpa também esteve presente em ambos os casos apresentados, tanto nos machos que assinaram o pai da horda quanto no povo judeu, ao verem seu libertador morto. Nas palavras de Freud (1938-1939/1996, p. 130) “um fragmento de verdade histórica na ressurreição de Cristo, pois ele foi o Moisés ressurreto e, por trás deste, o pai primevo retornado da horda primitiva, transfigurado e, como o filho, colocado no lugar do pai”. Por isso, segundo o autor “é plausível conjecturar que o remorso pelo assassinato de Moisés forneceu o estímulo para a fantasia de desejo do Messias, que deveria conduzir seu povo à redenção e ao prometido domínio mundial.” (1938-1939/1996, p. 130).

A partir do exposto, Freud (1938-1939/1996) se direciona a pensar o paralelo entre o assassinato da figura de autoridade e reverência e a estruturação edipiana do neurótico constituída a partir de desejos hostis em relação às figuras paternas. Desse modo, ele encerra sua discussão sobre a religião, destacando principalmente a de matriz judaico-cristã, que além de se apresentar com proeminência em seu contexto social, também surgiu de forma bastante frequente em suas observações clínicas, que apontavam os reflexos do fenômeno religioso no campo das neuroses e psicoses.

⁸ Moisés foi o fundador de um dos primeiros traços de religião monoteísta – a do Deus todo-poderoso – logo depois de estabelecer sua religião Mosaica, tomou as rédeas das tribos semitas onde se alocavam escravos de descendência hebraica, e, em troca de devoção ao Deus todo-poderoso, ofertou a eles liberdade, liderança e instauração de uma nova nação, que veio acompanhada de fortes exigências nessas tribos. O grupo de semitas, sendo incapazes de condescender com essas exigências, acabaram assassinando Moisés. Os israelitas, ao fundarem a religião cristã, livraram-se da culpa do assassinio parricida ao estabelecerem um Cristo, Deus filial, à que mais tarde sucederia o mesmo destino, o assassinio.

7 Considerações

Tentou-se a partir desse texto, se deter o máximo possível nas considerações propostas por Freud sobre a temática da religião e sua implicação clínica, algo que se configurou enquanto bastante desafiador, tendo em vista o objetivo geral de apreender a complexidade da visão clínica freudiana sobre o fenômeno religioso.

Observou-se ao longo desse artigo, que a temática da religião atravessou toda a obra freudiana. Desde a *Carta 71 a Fliess em 1892* – em que o autor expôs a religião e sua relação com os mitos – até o seu último texto *Moisés e o Monoteísmo* finalizado por volta de 1938-1939, Freud não cessou de elaborar discussões sobre o fenômeno religioso – elemento que foi central em suas teorias sobre a cultura.

No decorrer desse artigo nos debruçamos detalhadamente sobre todas as passagens mencionadas por Freud sobre o fenômeno religioso, contextualizando o horizonte clínico e epistemológico no qual o autor elaborou seus estudos sobre as manifestações religiosas. A partir do exposto, pode-se apreender que alguns fatores foram determinantes na construção psicanalítica acerca da religião: as experiências que marcaram a vida de Freud, o contexto cultural, histórico e científico no qual estava inserido e, sobretudo, a sua escuta clínica.

Durante seus atendimentos, Freud pôde perceber diversas manifestações sintomáticas – tais como obsessões, delírios, alucinações, etc – com elementos religiosos por parte de pacientes neuróticos e psicóticos. Constatou, ademais, que em muitos desses casos, a estruturação edipiana estava presente enquanto mobilizadora dos sintomas, por meio de desejos amorosos e hostis direcionados às figuras paternas no período da infância, tal como visualizado no Homem dos Ratos, Schreber, Homem dos Lobos, Christoph Haizmann, entre outros discutidos nesse artigo. No que se refere ao caso do Homem dos Ratos, além do paciente ter sido religioso durante grande parte de sua vida, constrói um sintoma obsessivo de que um único Deus seria capaz de decidir todas as suas escolhas, enquanto Schreber, que nunca havia valorizado às manifestações religiosas, desenvolveu um delírio no qual Deus apresentava-se em meio a representações de afetos e hostilidade.

No decorrer da retomada de todos os textos em que Freud discute sobre a

religião, percebeu-se que, inicialmente, a análise freudiana sobre as manifestações religiosas estava relacionada de forma mais restrita à discussão em torno da neurose obsessiva e do Complexo de Édipo. Posteriormente, é somente na escrita do texto *Totem e Tabu* (1913-1914/1996) que Freud primeiramente aponta para uma semelhança originária entre a neurose e a religião, destacando o conflito edipiano como base para o surgimento da cultura, da neurose e das manifestações religiosas. Com essa transformação em suas análises, há o aparecimento de temáticas bastante relevantes, tais como as construções míticas, a ambivalência afetiva, a origem da lei, a dívida simbólica, entre outros.

A partir do avanço das teorizações proporcionadas pelas reformulações clínicas e epistemológicas, Freud (1927/1996) passa a compreender as ideias religiosas como ilusões alicerçadas na necessidade de defesa psíquica, por exemplo, a ideia religiosa de garantia de vida eterna. Segundo o autor, tais ilusões, mesmo afastadas da realidade, são propagadas e vivenciadas por muitos sujeitos, tendo em vista a necessidade de vencer o sentimento de desamparo que marca a humanidade.

Considera-se que o objetivo principal desse artigo – de investigar como as experiências religiosas se apresentam na clínica psicanalítica, principalmente da neurose e da psicose – foi contemplado. Observou-se que quando Freud aborda a temática dos fenômenos religiosos, reafirma não apenas sua perspectiva social e cultural, mas seu viés clínico, algo que pode contribuir, inclusive, à formação do analista. Enfatizamos que tal trabalho não pretende esgotar o tema, pelo contrário, buscamos a partir dessa construção inicial apresentada nesse artigo, ampliar as discussões futuras sobre a relação da religião e da psicanálise, abrangendo as formulações lacanianas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

CAMPOS et.al. *Metodologia de elaboração de thesaurus conceitual: A categorização como princípio norteador*. v11.n3. p.348-359. Belo Horizonte. *Perspect.ciênc.inf.* (2006)

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN. Pedro Alcino. *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

FLECHA, Renata. Psicanálise e religião: algumas possíveis interlocuções (*Sapere aude* – Belo Horizonte, v. 7 – n. 12, p. 497-508, Jan./Jun. 2016 – ISSN: 2177-6342).

FREUD, S. (1886/1889). Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos: Extratos Dos Documentos Dirigidos a Fliess: Carta 71: (1892-1899). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.v1.

FREUD, S. (1893/1895). Estudos sobre a Histeria (1893-1895). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v2.

FREUD, S. (1893/1899). Primeiras Publicações Psicanalíticas: Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v3.

FREUD, S. (1900/1901). A Interpretação dos Sonhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v5.

FREUD, S. (1901). Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana: Determinismo, Crença no Acaso e Superstição – Alguns Pontos de Vista: (Capítulo XII). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v6.

FREUD, S. (1906/1908). “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos: Atos Obsessivos e Práticas Religiosas: (1907). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v9.

FREUD, S. (1909). Duas Histórias Clínicas (o “Pequeno Hans” e “o Homem dos Ratos”): Notas sobre um caso de Neurose Obsessiva: O Homem dos Ratos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v10.

FREUD, S. (1910). Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos: Leonardo da Vinci e Uma Lembrança de sua Infância: ([1909] 1910). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v11.

FREUD, S. (1911/1913). O Caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos: Notas Psicanalíticas Sobre Um relato Autobiográfico de Um Caso de Paranóia (Dementia Paranoide: (1911). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v12.

FREUD, S. (1913/1914). Totem e Tabu e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v13.

FREUD, S. (1914/1916a). A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. Os instintos e suas vicissitudes: (1915). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v14.

FREUD, S. (1914/1916b). A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos: Reflexões para os tempos de Guerra e Morte, Nossa atitude para com a morte (Capítulo II): (1914/1916). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.14.

FREUD, S. (1915/1916). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte I e II): Conferência XXI: O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais: (Parte II): (1915/1916). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.15.

FREUD, S. (1917/1918a). Uma Neurose Infantil e outros trabalhos: História de uma Neurose Infantil: O Homem dos Lobos: (1914/1918). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v18.

FREUD, S. (1917/1918b). Uma Neurose Infantil e outros trabalhos: Prefácio a Ritual: Estudos Psicanalíticos, de Reik: (1919). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v15.

FREUD, S. (1920/1922). Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupos e outros trabalhos. (1921). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v18.

FREUD, S. (1923/1925). O Ego e o Id e outros trabalhos: Uma Neurose Demoníaca do Século XVII: (1922/1923). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v19.

FREUD, S. (1925/1926). Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos: *A Questão da Análise Leiga: Conversações com uma pessoa imparcial*: (1926). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v20.

FREUD, S. (1927/1996a). O Futuro de uma Ilusão. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v21.

FREUD, S. (1927/1928b). Uma Experiência Religiosa. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v21.

FREUD, S. (1929/1930). O Mal-Estar na Civilização. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v21.

FREUD, S. (1932/1936). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos: A Questão de uma Visão de Mundo: (Conferência XXXV): (1932/1933). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v22.

FREUD, S. (1937-1939). Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos: *Moisés e o Monoteísmo: (1934-1938/1939)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v23.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. GIL. A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.p.117-42

PIOVESAN, et.al. *Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública*. Rev. Saúde Pública [online]. 1995, vol.29, n.4, pp.318-325. ISSN 1518-8787.

RODRIGUES, C. C. L.; GOMES, A. M. A. Teorias clássicas da psicologia da religião. In: PASSOS, J. D.; USARKSKI, F. (Org.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.